

COLUNA

CONTAS DE MISSANGA

Alessandra Gomes da Silva

A arte reflexiva de Grada Kilomba: um olhar para Narcissus and Echo, na exposição Desobediências Poéticas¹.

Ministério da Cidadania, Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e Pinacoteca de São Paulo apresentam

**Grada Kilomba:
Desobediências
Poéticas**

(Capa do catálogo da Exposição)



PINACOTECA DE SÃO PAULO

Primeiras palavras

Grada Kilomba é uma artista visual, *performer* e intelectual afro-portuguesa. “Grada Kilomba: Desobediências Poéticas” (2019) foi a primeira exposição da artista realizada no Brasil. Segundo o guia da Pinacoteca, a exposição foi dividida em quatro salas, cada qual com uma obra, a primeira estava com *Illusions Vol. I Narcissus and Echo* (2017) e a segunda com *Illusions Vol. II, Oedipus* (2018), duas de suas vídeoinstalações. Há ainda “*The Dictionary*”, desenvolvida especialmente para a exposição brasileira, outra proposta de vídeoinstalação em que foram expostas as palavras “negação”, “culpa”, “vergonha”, “reconhecimento” e “reparação”, oferecendo uma possibilidade de (re)interpretação para esse vocabulário. Por fim, tem-se a escultura “*Table of Goods*” (2017), que

também tem uma relação com a palavra ao focar o termo “indizível”. Em todas as obras, percebemos uma potente relação com a linguagem verbal, sempre aliada a outras linguagens, como à imagem ou ao som, mas como uma possibilidade de recontextualizar o modo como já conhecemos os termos em nosso dia a dia. O catálogo da exposição conta com uma belíssima apresentação

¹ Catálogo disponível: <http://pinacoteca.org.br/programacao/gradakilomba-desobediencias-poeticas/>. Acessado em: 10/11/2020

da artista portuguesa escrita pela pesquisadora e ativista Djamilia Ribeiro, que comenta de modo bastante rico e detalhado a exposição e as obras de Grada.

Uma questão interessante faz parte da relação da artista com a própria língua portuguesa. Isso porque Grada nasceu em Portugal, sendo filha de pais de São Tomé e Príncipe e Angola. Nas obras de Grada, então, é comum uma crítica veemente ao uso da língua portuguesa, como, por exemplo, em sua obra mais conhecida chamada “Memórias da Plantação” (2019). O livro, originado de sua tese de doutorado, defendida em Berlim, foi construído a partir da reunião de pequenas histórias de racismo que ainda seriam frequentes em nosso cotidiano. Nele, quando aborda a questão da língua, Grada narra que precisou sair de Portugal e ir para a Alemanha para “poder aprender uma nova linguagem. Um novo vocabulário em que pudesse ser eu” (KILOMBA, 2019, p.13). Mais adiante, ela reafirma sua posição: “a língua por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política, de criar, fixar e perpetuar relações de poder”, finalizando com a explicação “através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é normal e de quem é que pode representar a verdadeira condição humana” (IDEM, 2019, p.13). Com isso, o livro, escrito originalmente em inglês, demorou dez anos até que tivesse sua tradução, feita pela própria autora, em língua portuguesa. Grada afirma que “ (...) uma sociedade que vive na negação, ou até mesmo na glorificação da história colonial, não permite que novas linguagens sejam criadas” (2019, p.13). A autora chega a produzir um vocabulário crítico, somente existente na obra em língua portuguesa, como uma espécie de “prólogo”, antevendo uma falta de termos que deem conta de lidar com os elementos transmitidos como herança do poder colonial exercido por Portugal sobre suas colônias, incluindo a dimensão linguística. Essa ideia de um vocabulário que precisa ser reinventado, livrando-se das amarras opressoras, perpassará toda a leitura do mito de Narciso feita por Grada, além das outras obras existentes na própria exposição.



Dessa forma, podemos dizer que, em “Desobediências poéticas”, há uma tentativa de ruptura com as narrativas clássicas, greco-romanas, propondo análises a partir de grupos que nem sempre tiveram o acesso à narrativa. Suas vozes pouco fizeram parte do que foi considerado e difundido como conhecimento. Recontar essas narrativas já tão enraizadas em nossa cultura, por meio de outros olhares, desconstruindo estigmas e estereótipos estabelecidos, a partir também da desconstrução da linguagem. Há uma “desobediência” ao pensamento posto, o que aproxima do texto de “uma fúria contra o clichê” (CARSON, p.3), se consideramos a obra como uma produção já posta, correspondendo a um pensar com a obra, por meio da obra.

É, assim, uma tentativa de ruptura com os códigos vigentes, mas ainda se valendo do que está posto, que podemos dizer que na obra da autora há um

diálogo entre linguagens, permitindo uma releitura bastante representativa, por exemplo, do mito de Narciso e Eco. Uma tradução-intervenção na busca de uma outra forma de pensar. Em entrevista realizada ao jornal El País², em razão da exposição em São Paulo, reafirma-se

Desmantelar essas estruturas de poder, defende Kilomba, passa também pela linguagem visual e semântica. "Normalizamos palavras e imagens que nos informam quem pode representar a condição humana e quem não pode. A linguagem também é transporte de violência, por isso precisamos criar novos formatos e narrativas. Essa desobediência poética é descolonizar", diz.

É sobre esse refazer narrativas em diferentes linguagens, que nos deteremos para analisar as especificidades da instalação proposta por Grada Kilomba, em "Narciso e Echo" (2017).

Do mito à videoinstalação

De acordo com o mito, Narciso é um belo rapaz que não se apaixona por ninguém. Ele a todos encanta, mas não interessa por ninguém. Por isso, é castigado a nunca conseguir ter seu objeto de amor, apaixonando-se por si próprio, ao ver sua imagem refletida em um lago. Ao mesmo tempo, tem-se a história de Eco, uma Ninfa bastante falante, que sempre fazia questão de ter a última palavra. Um dia após irritar a Deusa Hera, Eco é condenada a somente repetir a última palavra que ouve. Eco apaixona-se por Narciso, sendo repelida pelo jovem, ela presencia sua morte, morrendo logo em seguida.

Em sua primeira intervenção, a artista apresenta um reconto de Narciso e Eco teatralmente. O drama, no entanto, é narrado por meio da exposição em dois televisores em uma das salas da Pinacoteca. No primeiro, em tamanho menor, vemos uma imagem da artista que se posiciona para narrar o que irá acontecer. A apresentação contém elementos de narratividade, contudo não é em um teatro tradicional, não há a presença física dos atores nem uma plateia aos moldes tradicionais, há uma obra exposta e pessoas que transitam pelo espaço, podendo ou não, assistir a todo o conteúdo. Além disso, o vídeo apresenta elementos de edição que produzem efeitos de sentido, contribuindo para o que será contado pela artista.

Grada se coloca, então, como um "griot", ou seja, um contador de história africano, reconhecido por ser detentor do conhecimento. E faz a seguinte afirmação:

² Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/cultura/1566230138_634355.html . Acessado em 15/07/2020.



1. INTRODUÇÃO

Fui convidada
para vir aqui hoje.
Mas, sinto que
não há nada de novo,
que eu possa dizer.

Muitas vezes,
sinto que tudo
já foi dito.

Sinto que
já sabemos tudo,
mas tendemos
a esquecer,
do que sabemos.

(Imagem e texto da Pinacoteca de São Paulo)

O texto escrito inicial por si só já faz alusão à falta de novidade, a narração de uma história já conhecida pelo público, apesar do público, ou uma pelo menos uma parte dele, fazer questão de esquecer. Também é fato de nota a quantidade de microfones ao redor de Grada, a necessidade de amplificar sua voz, de se fazer ouvir. Em outra tela de tamanho maior, há a imagem de diferentes

personagens, todos são atores negros e usam roupas negras, com exceção de Narciso que utiliza um casaco e um chapéu xadrez. Os atores se revezam no palco, de acordo com a narrativa do mito contada por Grada.

É necessário destacar ainda o uso do branco em todo o cenário, fazendo-o parecer um cubo, como menciona a artista durante sua leitura. Tal imagem busca lembrar que boa parte das obras e artistas que compõem nossos museus são necessariamente brancos. Ele também é bastante minimalista com poucos elementos cênicos, apenas o uso de um banco de madeira, durante alguns momentos da apresentação, bem como a presença de uma escada e algumas malas, que se revezam entre os atores.

A presença de Eco é destacada em diferentes interpretações do mito, em Grada, Eco se desdobra em uma ausência de voz própria, aquela que reproduz os consensos já estabelecidos, contribuindo para sua manutenção.



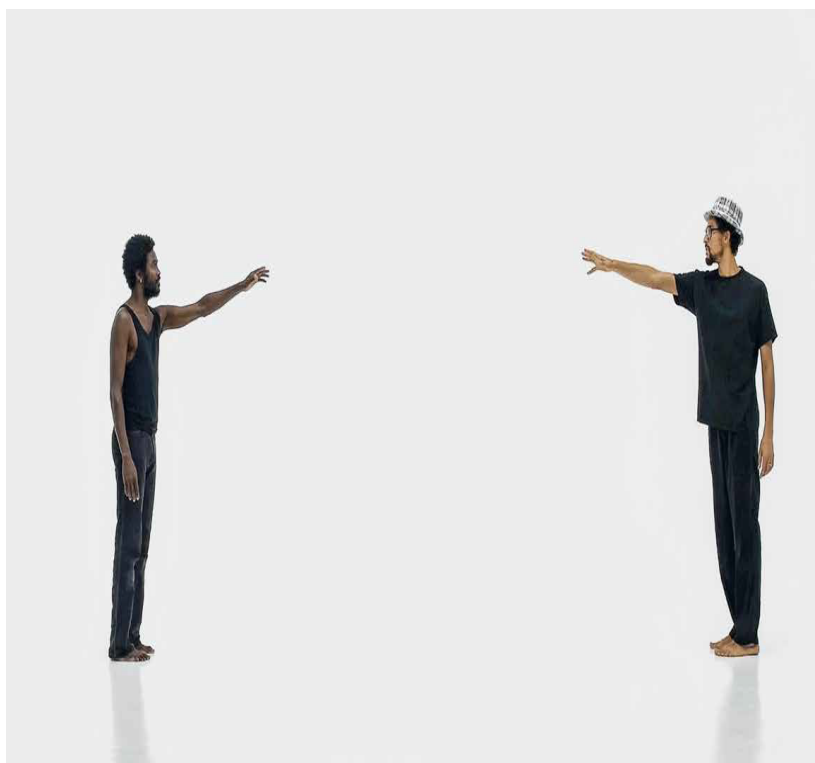
(Imagem de Eco e Narciso)

Na imagem, temos Eco, representada pela atriz, e Narciso, que é o único dos personagens que utiliza um traje em xadrez preto e branco, com sapatos e chapéu. Como dissemos, o banco é um dos poucos acessórios cênicos que compõe a narrativa.

Uma das passagens mais conhecidas do mito de Narciso é o “encontro” de Narciso com seu reflexo nas águas. A primeira diferença visualmente possível de notar é que o texto de Grada é bastante econômico, sobretudo, no uso dos adjetivos. Assim, como na obra cênica da artista, há um minimalismo no falar, com uma escolha bem específicas de palavras. Na primeira versão, há uma

reiteração da beleza, da perfeição de Narciso, associada a cor branca, a raça branca, como veremos no desenrolar da argumentação da artista. No segundo texto, há o uso de substantivos abstratos, que teoricamente, não permitiriam a criação de uma imagem específica de Narciso, tem-se os termos “perfeição”, “absoluta perfeição”. Desde os olhos, a pele, os cabelos são associados a palavras como beleza e perfeição. Não há alusão ao sol para o amarelo dos cabelos, ou o azul das águas com a cor dos olhos. O ideal de beleza de Narciso perdeu propositalmente sua imagem e sua cor, desconstruiu sua raça.

Para alguém que não conhecesse a versão da artista, seria provável a atribuição das características da raça branca para Narciso. Assim, a autora pela eliminação dos termos, vai construindo uma outra leitura.



(Encontro de Narciso e sua imagem refletida no lago)

Narciso está de chapéu, o outro personagem corresponde à imagem de Narciso, que busca por seu reflexo, até suicidar-se. Os atores representam em uma tela de fundo branco infinito, como retomando a ideia dos corpos negros que tentam marcar a imensidão da branquitude. Narciso e seu reflexo se movem e tentam se tocar, em vão. Promovem uma dança no espaço, se aproximam e se afastam ao som da música “Horizon Aflame”, que Djamila Ribeiro apresenta (no catálogo da exposição) como uma música de protesto de autoria de um cantor Sul-africano chamado Neo Muyanga.

Na tradução do texto da língua inglesa para a língua portuguesa, Grada enfrenta alguns dilemas pessoais para a produção final em português. A palavra “negro” não encontra substituição que esteja de acordo com a crítica pós-colonial empreendida pela artista. O termo Black (utilizado por negros norte-americanos) não tem equivalente nem em negro, nem em preto, pois a palavra “negro”, como na observação da autora no texto da exposição, tem sua origem no latim niger,

e ainda segue postura colonial, como “preto”, que designa um insulto proveniente de um discurso ainda racista. Ao fim, permanece a palavra negro, mas não sem muitas tentativas de encontrar outra opção. O texto aparece com várias palavras riscadas. Há também algumas exclusões no texto em língua portuguesa como se algumas reiterações fossem desnecessárias para um público que está familiarizado com o tema do racismo, como no exemplo, “tudo ao meu redor,/ É a imagem refletida da branquitude” (KILOMBA, 2019, p.14), que foi excluído, uma vez que soa repetitivo, o que pode comprometer a potência narrativa da artista, que busca uma concisão discursiva. Um dizer de modo mais objetivo possível.

Terminada a versão proposta para o mito em si, Grada Kilomba começa uma interpretação do que foi visto, como podemos antever associando à construção do mito de Narciso a um ideal de branquitude construído e reforçado ainda em nosso cotidiano. Para uma análise mais detida desse momento da obra, incluiremos em nossa discussão o conceito de performance.

A Performance em diálogo com a intervenção

Grada Kilomba já se apresenta como uma artista performática. Ela indica que busca provocar deslizamentos entre seu pensamento crítico e o pensamento artístico como um movimento de dança. Podemos ver esse tipo de efeito em “Narciso and Echo” (2017), quando a artista finaliza sua narrativa indicando que vai repetir as mesmas palavras com as quais começou. Além disso, há uma espécie de “epílogo ensaio” ao final da obra, ou seja, terminada a contação do mito, a autora já interpela uma reflexão sobre o que foi visto, ainda se utilizando da performance dos atores. Estamos denominando epílogo esta reflexão-intervenção-performance que a artista propõe. Esta análise começa na segunda parte da apresentação. Há uma interpretação do mito de Narciso como metáfora para o que ela atribui como “sociedade branca patriarcal” e Eco, por sua vez, seria uma espécie de “consenso branco”, uma ausência de questionamentos que inviabiliza a construção de movimentos contrários. É uma crítica a aparente neutralidade que, em verdade, colabora para a manutenção de estruturas de poder vigentes, sem que houvesse questionamentos.

Uma normalização ainda longe de estar totalmente refletida dos excessos da minoria dominante, que mantém e reforça privilégios, inclusive na produção e veiculação do que é legitimado como conhecimento. Nesse ponto, podemos pensar na contribuição do que vem sendo conceituado como performance. Isso porque a performance pode agir, segundo a pesquisadora, atriz e performer Fabião (2009), como forma de escovar a história a contrapelo, um meio de desconstruir a realidade, os signos, os sentidos e a linguagem, como também um modo “de superar ou ultrapassar os limites de um padrão” (p.237). Dessa forma, podemos pensar o conceito de performance em diferentes níveis. Com base nos estudos da professora canadense Josette Féral (2009), um primeiro nível da performance diz respeito a um aspecto mais estético da obra, uma denominada estética performativa. A obra de Grada apresenta e desenvolve este aspecto, por meio da veiculação de uma experiência que altera os modos de narração, os modos de percepção e de compreensão do mundo. Trata-se, muitas vezes, de não incluir nenhuma narrativa linear para manter os elementos unidos.

Tem-se em termos de linguagem uma obra híbrida com elementos de dramaturgia, dança e música. Quando Grada começa sua exposição sobre a leitura que propõe do mito, surge o personagem de Narciso que se move com alguma desenvoltura, e de modo irônico. Ele sobe as escadas e se apresenta em um patamar superior, onde caminha sem empecilhos. Os demais personagens carregam um tipo de bolsa formada do mesmo tecido da vestimenta de Narciso, uma alusão ao que seria uma bagagem extra atribuída pela sociedade branca aos corpos negros.

Em um segundo nível, ainda de acordo com os estudos de Féral (2009), podemos pensar em uma performance em que corpo, estética e política, atuam em uma tessitura de ações que podem, ou não, incluir a palavra. Dessa forma, ampliava-se o conceito de performance do domínio artístico para todo o domínio cultural. Em sua abordagem,

a performance dizia respeito tanto aos esportes quanto às diversões populares, [tanto] ao jogo [quanto] ao cinema, [tanto] aos ritos dos curandeiros ou de fertilidade [quanto] aos rodeios ou cerimônias religiosas. (FÉRAL, 2009, p.198)

Nesse contexto, em seu sentido mais amplo, a performance seria “étnica e intercultural, histórica e a-histórica, estética e ritualística, sociológica e política”, ou ainda como modo “de se engajar num espetáculo, um jogo ou um ritual”, o que seria uma visão de performance ligada a um conceito antropológico. Grada aborda esses elementos por meio da ironia, do humor e mesmo do ritual propriamente dito, quando encena uma espécie de liturgia africana, sem nenhuma referência verbal por parte da personagem que atua nessa cena, com a contação de Grada que tece durante todo o momento críticas à chamada sociedade “branca”.

Voltando para o trabalho de Fabiao (2009), a autora finaliza o artigo abordando dois temas que podemos pôr em diálogo com o trabalho de Grada Kilomba, o primeiro diz respeito ao uso de uma performance coletiva, para além de um integrante apenas, como um espaço entre as artes plásticas e o grupo teatral. Há para a autora uma força evocada nesses projetos coletivos. A segunda proposição teria a ver com a reflexão “ética, estética, e política”. Ela avisa que não se trata necessariamente de um ativismo político cultural, mas como “arte da negociação e criação do corpo – entre o aqui e agora” (2009, p. 245). É uma preocupação comum também à Grada Kilomba, que termina sua versão da análise do mito com algumas indagações, provocações sobre “qual papel da história escolhemos ter: o papel de Narciso, que não sabe/ o papel de Eco, que não quer saber/ A obediência de ambos, / que não se deve saber/ Ou saber o que há muito já sabemos?” (2009, p. 21). É uma exposição, que convoca o espectador a se posicionar sobre o que foi narrado, como um engajamento seguindo os mesmos pressupostos, tanto ético como estético, político e poético, mas sem uma possibilidade ainda de resposta definitiva.

Considerações Finais

As escolhas estéticas de Grada Kilomba permitem uma releitura do mito de Narciso e Echo, de modo bastante peculiar. Isso porque a artista articula em sua leitura uma crítica a elementos de racismo estruturais, ainda existentes em

nossa sociedade. Para a construção de sua obra, há um investimento no trabalho com a linguagem, como modo de propor outra leitura para o mito de Narciso.

Além disso, poderíamos incorporar as demais obras da artista presentes na exposição de São Paulo nessa reflexão. Cada uma, a seu modo, apresenta características que podem ser pensadas a partir dos tópicos elencados para esse texto. Para finalizar, “Grada Kilomba: desobediências poéticas” traz um apelo ao modo como produzimos e divulgamos nosso conhecimento. Como conseguimos construir nossos saberes, utilizando nosso corpo e nossa voz.

¹Alessandra Gomes da Silva



Doutoranda no programa de pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da Puc - Rio. Tem mestrado pelo mesmo programa, com a dissertação "Por uma poética dos sentidos: a literatura no contexto da surdez" (2016). Possui graduação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2009), bacharelado e licenciatura em Letras (português-francês) e suas respectivas Literaturas. Desde 2006, é professora de Ensino Básico e Educação Tecnológica do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Tem interesse na interseção dos seguintes temas: arte e educação antirracista, feminismo negro, acessibilidade e diversidade cultural, narrativas audiovisuais, leitura, literatura e surdez.

DICAS DE LEITURA

Carson, Anne. “A tarefa de traduzir Antígona”. In **Três traduções de “A tarefa de traduzir Anti-gonick”**. Escamandro: poesia, tradução e crítica, janeiro de 2017. Em <https://mail.google.com/mail/u/0/#search/joao.rbm%40gmail.com?projector=1>, acesso em 3/01/2020.

_____. The gender of sound. In: **Glass, irony and God**. New York: New Directions Publishing Corporation (utilizada a versão em LP disponibilizada no curso), 1995.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.